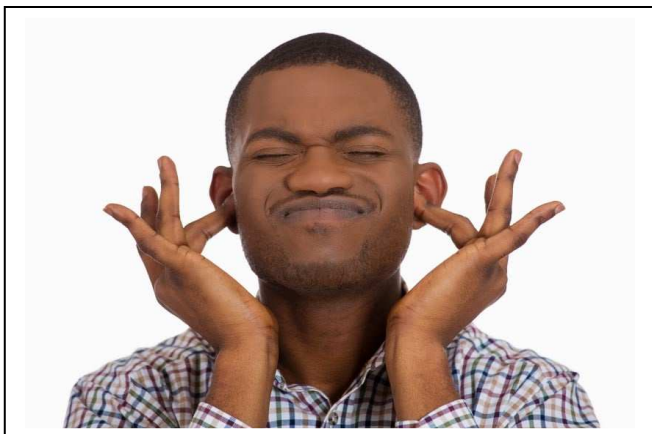


BASTA! NÃO QUEREMOS MAIS OUVIR A VOZ DE DEUS!



"[18] Quando o povo [de Israel] ouviu os trovões e o som forte da trombeta, e quando viu o clarão dos raios e a fumaça que subia do monte, ficou a distância, tremendo de medo. [19] Disseram a Moisés: **'Fale você conosco e ouviremos; mas não deixe que Deus nos fale diretamente, pois morreríamos!'**. [20] Moisés respondeu: **'Não tenham medo, pois Deus veio desse modo para prová-los e para que o temor a ele os impeça de pecar'**. [21] Enquanto o povo continuava a distância, Moisés se aproximou da nuvem escura onde Deus estava." (Êxodo 20.18-21 – Nova Versão Transformadora)

No contexto da passagem bíblica acima observamos que, exatamente dois meses depois do povo de Israel ter saído do Egito (cf. Êxodo 19.1), Deus chama Moisés e ordena ao profeta que transmita a seguinte mensagem à família de Jacó: “[Vocês] *serão meu reino de sacerdotes, minha nação santa*” (cf. Êxodo 19.6). A intenção de Deus era falar abertamente com o povo, sempre que necessário. Não haveria necessidade da figura de um mediador entre Deus e o povo, caso Israel se tornasse a “*nação santa*” de Deus. Todo o povo seria tratado como “*reino de sacerdotes*”.

Como mostra do poder e da seriedade de Suas palavras, Deus se manifestou aos israelitas em meio a “*estrondo de trovões e clarão de raios*” (cf. Êxodo 19.16), e desceu até eles “*em forma de fogo*” (cf. Êxodo 19.18). Com “*voz de trovão*” (cf. Êxodo 19.19) Deus falou com o povo e entregou diretamente à nação israelita as Suas leis (cf. Êxodo 20.1-17). Diante de tal privilégio, em vez de abraçar permanentemente a proposta de Deus, de ser uma nação santa e reino de sacerdotes, o povo de Israel decidiu que, das próximas vezes que Deus resolvesse falar com a nação, que Moisés fosse sozinho, recebesse todas as ordens do Altíssimo e, então, repassasse ao povo. O motivo? Para que eles não viessem a morrer. Tem sido assim, desde então. Mais de três mil anos se passaram e o posicionamento do povo de Deus em relação a Ele não mudou.

Vivemos em uma época onde grande parte do povo cristão não quer mais ouvir a voz do Senhor, pois sabem que a Sua voz os “matará”. Não a morte física, mas a morte para o pecado e para o mundo que “*oferece apenas o desejo intenso por prazer físico, o desejo intenso por tudo que vemos e o orgulho de nossas realizações e bens*” (1João 2.16 – NVT). Preferem viver uma duplicidade de vida, flertando com os prazeres passageiros da carne (cf. 1João 2.17) e encenando um viver espiritual sem substância e sem comprometimento com Deus.

Infelizmente, o paradigma do consumismo moderno envolveu o ministério de diversos pastores e líderes eclesiais em nosso país. Por covardia ou autopreservação, eles não pregam a única e

verdadeira mensagem do Evangelho: a necessidade de arrependimento! (cf. Mateus 3.1-2; 4.17; Atos 2.37-38). Muitos entendem que, aquilo que as pessoas querem, a igreja deve oferecer. Aquilo que as igrejas oferecem, os pastores devem ser treinados para fornecer. O resultado disso será uma concepção do ministério pastoral não condizente com a Bíblia e a possibilidade de que dentro de uma geração, ou no máximo duas, as igrejas perderão a vida e a direção espiritual.

Se houver disposição e coragem de nossa parte, para fazer uma análise do cristianismo hoje, veremos que a triste realidade de muitas igrejas evangélicas nada mais é do que o cumprimento da previsão feita pelo apóstolo Paulo quando escreveu pela segunda vez a Timóteo. Paulo disse: *“Pois virá o tempo em que as pessoas já não escutarão o ensino verdadeiro. Seguirão os próprios desejos e buscarão mestres que lhes digam apenas aquilo que agrada seus ouvidos. Rejeitarão a verdade e correrão atrás de mitos”* (2Timóteo 4.3-4 – NVT).

As palavras do apóstolo Paulo a Timóteo são a expressão da mais pura verdade. Boa parte dos que se intitulam “cristãos evangélicos”, em face da mente pervertida, sentem o desejo de ouvir interpretações fantasiosas das Escrituras para satisfazer seus desejos e curiosidade pessoal. Apenas se interessam por passagens bíblicas que lhes ofereciam promessas de paz e segurança. Ao mesmo tempo, não suportam a sã doutrina que penetra profundamente no coração humano e mostra a necessidade de uma mudança de caráter, para quem quer se tornar mais semelhante ao Senhor Jesus.

Quando participou de uma reunião com os presbíteros da Igreja em Éfeso, em Mileto (cf. Atos 20.16), o apóstolo Paulo profetizou o surgimento dos falsos mestres – personagens tão comuns em nossos dias. Ele disse: *“Sei que depois de minha partida surgirão em seu meio falsos mestres, lobos ferozes que não pouparão o rebanho. Até mesmo entre vocês se levantarão homens que distorcerão a verdade a fim de conquistar seguidores”* (Atos 20.29-30 – NVT). As palavras de Paulo refletem a realidade cotidiana do cristianismo contemporâneo. A não apreciação do verdadeiro ensino tem, como consequência imediata, o surgimento de falsos mestres que, com ideologias falaciosas, agradam os ouvidos de seus seguidores. De acordo com o missionário, escritor e pastor batista norte-americano Paul David Washer, *“os falsos mestres são o julgamento de Deus sobre as pessoas que não querem a Deus, mas que em nome da religião, planejam conseguir tudo o que seus corações carnis desejam”*. Para Washer, *“os falsos profetas e os falsos mestres são o juízo de Deus sobre a Igreja; e as pessoas que os seguem, não são vítimas”*.¹ As pessoas que são atraídas pelas teologias de prosperidade, e pela ganância de seus líderes, deixam claro que o que lhes interessa não é Deus, mas o dinheiro e o ganho material. O foco dessa gente está na “benção” e não no Abençoador.

Fazemos parte de uma geração que não têm resistido às pressões culturais e seculares. O que se vê é confusão generalizada acerca da definição do que é ser evangélico; escassez de **liderança bíblica**

¹ **Os falsos mestres como juízo de Deus – Paul Washer.** Produção: Roberto de Carvalho Forte. Filmes e desenhos, 5'37". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=V-ecCfOioXc>>. Acesso em: 23 mai 2017.

na igreja; crescimento numérico positivo, mas descompromissado – isto é, igrejas cheias de pessoas vazias. É gente que, para não deixar morrer em sua vida o pecado, as obras da carne, a idolatria camuflada [que transforma “homens de Deus” em “deus dos homens”], optaram por não ouvir mais diretamente a voz de Deus, se distanciaram dEle e passaram a dar ouvidos a “*filosofias vazias e invenções enganosas provenientes do raciocínio humano, com base nos princípios espirituais deste mundo, e não em Cristo*” (Colossenses 2.8 – NVT). Muitos pastores, com esforço consciente e deliberado em enganar, trocaram a orientação bíblica pela pesquisa de mercado no ministério. Em outras palavras, trocaram o que é certo por aquilo que dá certo, o que contraria as palavras do apóstolo Paulo à Igreja em Colossos: “*Uma vez que vocês ressuscitaram para uma nova vida com Cristo, mantenham os olhos fixos nas realidades do alto, onde Cristo está sentado no lugar de honra, à direita de Deus. Pensem nas coisas do alto, e não nas coisas da terra. Pois vocês morreram para esta vida, e agora sua verdadeira vida está escondida com Cristo em Deus*” (Colossenses 3.1-3 – NVT).

Não podemos nos iludir. Os falsos pastores e falsos mestres têm o conhecimento moral de que os ensinamentos que eles propagam são mentiras. Mas eles são tão endurecidos de coração que a consciência deles não é mais capaz de exercer suas funções designadas. Ela está cauterizada. “*A mente deles está mergulhada na escuridão. Andam sem rumo, alienados da vida que Deus dá, pois são ignorantes e endureceram o coração para Ele. Tornaram-se insensíveis, vivem em função dos prazeres sensuais e praticam avidamente toda espécie de impureza*” (Efésios 4.18-19 – NVT).

Com o contínuo distanciamento dos cristãos em relação a Deus e da rejeição direta da Sua voz, das Suas leis, valores não cristãos estão impregnados no dia a dia de muitas igrejas evangélicas. Em vez de procurar servir uns aos outros, muitos buscam se servir uns dos outros. O elitismo, oposto à comunhão cristã, tem reinado entre nós. A política que contradiz a Palavra de Deus tem sido, a cada ano, mais evidente entre os evangélicos. No lugar do altruísmo, vemos divisão, competição, busca de riquezas e avareza.

O que fazer diante de tal cenário? De acordo com o apóstolo Paulo, devemos estar preparados, quer a ocasião seja favorável, quer não. Devemos corrigir, repreender e encorajar com paciência e bom ensino. Temos que manter a sobriedade em todas as situações, sem medo de sofrer e trabalharmos para anunciar as boas-novas e realizarmos todo o ministério que nos foi confiado (cf. 2Timóteo 4.2, 5). Além disso, é importante nos afastarmos e mantermos distância de pessoas que são religiosas apenas na aparência, mas rejeitam o poder capaz de lhes dar a verdadeira devoção (cf. 2Timóteo 3.5).

Por fim, é imprescindível que “tatuemos”, em nossa mente e coração, as seguintes palavras do apóstolo Tiago “às doze tribos espalhadas pelo mundo” (cf. Tiago 1.1): “**Meus irmãos, não sejam muitos de vocês mestres, pois nós, os que ensinamos, seremos julgados com mais rigor**” (Tiago 3.1 – NVT). Que Deus tenha misericórdia de nós!

Soli Deo Gloria.